

RELAÇÕES DA ANÁLISE DE AUTORIA NA LINGUÍSTICA FORENSE COM A PERSPECTIVA SOCIAL/IDEOLÓGICA DE LÍNGUA DO CÍRCULO DE BAKHTIN

Anna Carolina Pasquali¹
Sabrina Bonqueves Fadanelli²

Resumo: A análise de autoria qualitativa é uma abordagem que examina o estilo e as características linguísticas de um texto para determinar a possível autoria. Este artigo objetiva estabelecer relações entre a teoria de análise de autoria proposta por Grant e McLeod (2020) e a teoria do Círculo de Bakhtin, que afirma que a língua é social e molda o sujeito. A metodologia utilizada é a revisão de literatura e a análise de dois estudos de Linguística Forense que trabalham com questões de autoria, com a finalidade de ilustrar as relações estabelecidas. Ao final do estudo é possível perceber pontos de convergência entre as duas teorias, principalmente no que diz respeito à expressão da identidade no uso da língua, permeada por ideologias que influenciam as identidades sociolinguísticas dos falantes, justamente por estes pertencerem a comunidades cujas práticas de linguagem são associadas às práticas sociais.

Palavras-chave: Análise de autoria; Ideologia; Sociolinguística; Recursos identitários; Linguística forense.

CONNECTIONS BETWEEN AUTHORSHIP ANALYSIS IN FORENSIC LINGUISTICS AND THE SOCIAL/IDEOLOGICAL PERSPECTIVE ON LANGUAGE FROM THE BAKHTIN CIRCLE

Abstract: Qualitative authorship analysis is an approach which examines the style and linguistic features of a text in order to determine possible authorship. This article aims to establish relationships between the authorship analysis theory proposed by Grant and McLeod (2020) and the Bakhtin Circle theory, which states that language is social and shapes the subject. The methodology used is the literature review and the analysis of two Forensic Linguistics studies that work with issues of authorship, with the purpose of illustrating the relationships established. At the end of the study, it is possible to perceive points of convergence between the two theories, mainly with regard to the expression of identity in the use of language, permeated by ideologies that influence the sociolinguistic identities of speakers, precisely because they belong to communities whose language practices lean on social practices.

Keywords: authorship analysis; ideology; sociolinguistics; identity resources; forensic linguistics.

1 Mestre em Letras e Cultura pela Universidade de Caxias do Sul (annac.pasquali@gmail.com)

2 Doutora em Teorias Linguísticas do Léxico pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (sfadanelli1980@gmail.com)

Introdução

A Linguística Forense, área derivada da Linguística Aplicada, é a aplicação de conhecimento científico para a análise linguística em contextos de direito civil e criminal (Coulthard; Johnson, 2007). Ela inclui três subáreas: a) linguagem escrita da lei; b) interação verbal em contextos legais; e c) linguagem como prova.

A análise de autoria qualitativa na Linguística Forense busca identificar ou verificar a autoria de um texto através da análise de características linguísticas (Mcmenamin, 2002). Essa área é frequentemente usada em contextos legais para ajudar a determinar se um texto foi escrito por uma pessoa específica.

Os hábitos linguísticos dos indivíduos resultam em seus “idioletos”, ou seja, dois ou mais indivíduos diferentes possuem versões diferentes da língua que falam ou escrevem. O idioleto pode ser comparado ao estilo. Fiorin (2008, p. 97) afirma que o estilo é “um conjunto global de traços recorrentes do plano do conteúdo (formas discursivas) e do plano da expressão (formas textuais), que produzem um efeito de sentido de identidade”. Porém, a identidade linguística de um indivíduo não se compõe somente de um estilo individual, mas sim na relação que essa língua individual contrai com a língua social (Almeida, 2014).

Assim sendo, o presente artigo tem como objetivos: a) relacionar a teoria do Círculo de Bakhtin, que afirma que a língua é social e molda o sujeito, à teoria de análise de autoria proposta por Tim Grant e Nicci McLeod (2020), a fim de identificar pontos e noções em comum entre as duas vertentes; e b) apresentar dois exemplos de estudos da Linguística Forense que ilustrem essa relação.

A língua e manifestação da identidade

Inicialmente, é necessário compreender o

que o Círculo De Bakhtin (2021) define como signo ideológico. Em Marxismo e filosofia da linguagem (2021), Volóchinov afirma que o produto ideológico tem origem na realidade social e que toda ideologia é baseada em signos. O autor defende que o signo é ideológico e, sem ele, não há ideologia. Para Volóchinov (2021), uma forma linguística adquire caráter de signo quando passa a manifestar um sentido que vai além de sua particularidade, ou seja, apresenta uma flexibilidade de sentido e demanda uma compreensão específica.

Como o signo “reflete e refrata outra realidade, que se encontra fora dos seus limites”, (Volóchinov, 2021, p. 91) e por ser o elemento de formação do produto ideológico, o significado do signo está sempre relacionado a um contexto social, o que faz dele um reflexo do campo ideológico no qual está inserido que, por sua vez, determina como a realidade é percebida e refratada. Devido a essa característica, o uso de signos torna possível modificar ou distorcer a realidade a partir de um determinado ponto de vista.

O signo ideológico apresenta dois aspectos: o exterior, que diz respeito à sua manifestação no mundo, e o interior, correspondente ao processo de compreensão realizado pelos sujeitos. Esse processo, segundo Volóchinov (2021), acontece a partir da aproximação de um signo aos signos já conhecidos pelo indivíduo, criando uma “cadeia da criação e da compreensão ideológica” (Volóchinov, 2021, p. 95) que acaba por ligar uma consciência individual a outra. Conforme o filósofo e pensador russo, para que a compreensão aconteça, é necessária uma organização social dos indivíduos e uma relação do signo a uma situação ou contexto que lhes é familiar.

O signo se manifesta por meio das palavras. Para Volóchinov (2021, p. 95), a compreensão da palavra requer que ela, de alguma forma, relacione-se com o que o

indivíduo conhece em termos de mundo e de conteúdo ideológico. Isso se dá, segundo Volóchinov (2021), porque a compreensão se relaciona diretamente ao contexto de produção, que é social; dessa forma, o signo e a situação social estão indissociavelmente ligados.

Volóchinov (2021), considera que a palavra é a ponte que liga um ser a outro, já que é proferida por um indivíduo e dirige-se a alguém. Nessa interação, os interlocutores estão inseridos em um horizonte social, que influencia a estruturação da enunciação que, por sua vez, é definida por Volóchinov (2021) como o produto de uma situação e um meio social. Enquanto a situação social é responsável por delimitar o estilo ou a forma do enunciado, o meio social determina a camada mais profunda da estrutura, na qual permeiam as pressões sociais sofridas pelo locutor.

Assim, como o indivíduo se constitui a partir do discurso, ele absorve diferentes vozes presentes em seu contexto social. Segundo Fiorin (2016, p. 61), “como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. [...] Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relação de concordância ou discordância”. Como as vozes absorvidas pelo indivíduo são inúmeras, a consciência e o mundo interior estão em constante transformação, já que incorporam novos signos e, portanto, ideologias, a todo momento.

Os enunciados produzidos pelo sujeito, tendo em vista que a consciência se constitui de vozes sociais, também acabam influenciados por essas vozes. Segundo Volóchinov (2021), a consciência do indivíduo é organizada a partir dos signos, e o indivíduo somente se reconhece como sujeito a partir da interação social. O autor considera que as palavras e imagens são elementos essenciais para a constituição do pensamento e, para ele, não é possível separar a consciência dos signos. A partir disso, podemos inferir que

a consciência é, na verdade, social, já que ela se organiza a partir de signos que são utilizados na interação social e que, inevitavelmente, são impregnados por uma ideologia.

Dessa forma, o meio social influencia na forma como o indivíduo se expressa. Para avaliar como isso se manifesta nas formas de expressão escolhidas pelo sujeito, a linguística forense se utiliza de algumas estratégias para realizar a análise de autoria.

Grant e McLeod (2020), no texto “Recursos e Restrições na Manutenção de Identidades Linguísticas”, publicado no livro *Perspectivas em Linguística Forense*, apresentam que os linguistas, comumente, se baseiam no conceito de socioleto, “as variedades linguísticas associadas a certos grupos sociais determinados pelas seguintes categorias: sexo/gênero, idade, classe social etc” (Grant; McLeod 2020, p. 76), e idioleto, “a ideia de que cada indivíduo apresenta uma versão própria da sua língua” para realizar a análise de autoria. Ambos conceitos estão relacionados à compreensão de que os indivíduos utilizam a língua a partir das experiências sociolinguísticas que tiveram previamente – e que, conforme afirma Volóchinov (2021), moldaram a forma como esses sujeitos pensam, compreendem a sua realidade e se expressam.

A análise de autoria pode ser realizada de duas formas, segundo Grant e McLeod (2020). A primeira consiste na elaboração de um perfil sociolinguístico do autor, a fim de identificar características de determinados grupos sociais no enunciado, como gênero e raça. Outra forma de realizar a análise de autoria é através da comparação dos textos de um autor desconhecido com outros nos quais o autor já foi identificado. Grant e McLeod (2020, p. 77) acreditam que a elaboração de perfis é essencialista, pois tenta atribuir a autoria de um texto a partir de somente fatores externos, e “determinista porque a predição baseia-se na premissa de que deve haver

alguma correlação causal entre o pertencimento a um determinado grupo e as características linguísticas produzidas”. Uma opinião similar é defendida por Olsson (2008, p. 41), que diz que “não é suficiente simplesmente encontrar semelhanças e diferenças entre dois estilos textuais. Precisamos entender qual a natureza desses pontos de semelhança e diferença e os níveis linguísticos em que eles ocorrem”.

Já a análise comparativa, para o autor, é defensável por reconhecer a noção de indivíduo linguístico, que muitas vezes é posta como sinônimo de idioleto, mas não pode se limitar a isso. Os autores consideram que a identidade do indivíduo linguístico se constitui de elementos pré-determinados e, também, a partir da interação social. Tendo isso em vista, existem condições que restringem as possibilidades de expressão dos sujeitos para, a seguir, apresentar sua proposta de metodologia de análise de autoria.

Essa proposta tem como base a atuação de policiais sob disfarce, que consiste em se passar por uma vítima com um perfil específico para identificar potenciais criminosos. Segundo Grant e McLeod (2020), esse tipo de abordagem tem um índice de sucesso consideravelmente maior quando o policial recebe um treinamento e participa da análise de autoria para identificar as características do alvo antes de iniciar a ação. Para assumir uma nova “persona linguística”, os autores destacam que é necessário entender não somente quem é a persona, mas também como ela foi constituída e de que forma ela é transmitida na interação. Isso só pode ser percebido se for analisada a forma como essa identidade é performada em diferentes situações sociais, a fim de, como indicam Grant e McLeod (2020), observar os elementos que permanecem iguais e os que sofrem alterações a depender do contexto. Como cada contexto interacional é um momento em que a identidade de um indivíduo é expressa, de uma forma ou de outra,

é imperativo que alguma característica seja mais estável. Para Grant e McLeod (2020, p. 84), o caráter persistente na identidade não requer que ela seja “estática, imutável. Entretanto, requer mais entendimento sobre quais aspectos da performance identitária permanecem estáveis enquanto os recursos nos quais nos baseamos mudam em cada interação específica”.

Grant e McLeod (2020) definem alguns recursos que interferem na persistência identitária e na variação linguística:

1. Os recursos de toda a história sociolinguística de um indivíduo.
2. Os recursos do eu físico de um indivíduo, incluindo aspectos de sua aparência e sua cognição, apoiados pela fisicalidade de seu cérebro.
3. Os recursos fornecidos pelo contexto e gênero de uma dada interação.
4. Os recursos fornecidos por indivíduos e públicos específicos envolvidos em uma interação, incluindo recursos de cunho mais compartilhado derivados da participação em uma comunidade de prática (Grant; McLeod 2020, p. 84-85).

Ou seja, a identidade linguística apresenta características que são determinadas a partir dos recursos aos quais o indivíduo teve acesso ao longo da vida, que consideram, também, as condições físicas. A partir dessas categorias, Grant e McLeod (2020) afirmam que esses recursos são responsáveis tanto por restringir as possibilidades de performance identitária quanto por estabelecer a persistência de certos fatores.

Grant e McLeod (2020, p. 87) especificam que os “recursos disponíveis condicionam os indivíduos a um grande, porém específico, portfólio de performances identitárias”. Segundo o autor, as restrições nos recursos podem acontecer pela disponibilidade ou não de um recurso, como no exemplo do aprendizado

de novas línguas: “assim como aprender uma nova língua irá expandir os recursos disponíveis a alguém, essa pessoa será limitada pelo número restrito de idiomas que pode falar” (Grant; McLeod 2020, p. 87). Esse tipo de restrição é variável ao longo da vida, já que novos recursos podem integrar o repertório de um indivíduo a partir das experiências adquiridas. Outra forma que as performances identitárias podem ser restringidas é pelo contexto de utilização: o uso de um recurso limita a aplicação do outro.

Já em relação aos fatores que determinam a persistência de elementos identitários, Grant afirma que:

Recursos identitários estáveis incluem aqueles de nossa história sociolinguística e de nossa fisicalidade. Esses recursos estáveis não são estáticos. Nossas histórias sociolinguísticas, por exemplo, obviamente continuam e se acumulam no decorrer do tempo. Nós também podemos deliberadamente escolher desenvolver novos recursos, por exemplo, conscientemente tentando aprender novas línguas ou aproveitando novas experiências. Certamente, nossa fisicalidade também está sujeita a mudanças. Nossos corpos e cérebros desenvolvem-se, amadurecem e podem estar sujeitos à deterioração ou até mesmo a uma mudança acidental. No entanto, é nessas duas áreas, a sociolinguística e a física, que a mudança dos recursos disponíveis tende a ser mais gradual e, assim, é nessas áreas que há espaço para encontrar uma explicação para a persistência da identidade através de diferentes interações e através do tempo (Grant; McLeod 2020, p. 88).

Assim, os autores sugerem que o modelo de identidade recurso-restrição seja utilizado na análise de autoria, já que através dele seria possível identificar quais recursos são limitados e quais determinam sua identidade linguística em diferentes contextos.

Volóchinov (2021) considera que a língua é social e está diretamente relacionada ao contexto social dos indivíduos que a utilizam e, para o autor, é a partir dela que os pensamentos

são organizados. Considerando que todo signo é social, portanto, ideológico, a consciência, por se utilizar desse recurso linguístico como forma de articular pensamentos, também é social. Assim, tanto a identidade social quanto a individual são baseadas na língua e, consequentemente, expressas quando a língua é utilizada no discurso.

Dessa forma, podemos considerar que a teoria de Grant e McLeod (2020) se relaciona com a do Círculo de Bakhtin (2021) no que diz respeito à expressão da identidade no uso da língua. Todos os indivíduos, ao utilizar um signo, imprimem nele uma ideologia, que foi absorvida por eles do campo social e passou a fazer parte da consciência desses sujeitos.

Outro ponto no qual os pensamentos de Volóchinov (2021) e Grant e McLeod (2020) se aproximam é no que tange à variação de recursos disponíveis para os sujeitos. Grant (2020) afirma que alguns recursos são variáveis, de forma que o indivíduo, ao longo da vida, desenvolve novas possibilidades de expressão (e perde outras), enquanto Volóchinov (2021) afirma que, quando ocorrem mudanças no horizonte apreciativo de um sujeito – ou seja, quando ele passa a ter uma nova condição social, envolvendo fatores socioeconômicos e acesso a diferentes produções culturais, por exemplo –, ocorre, também, uma mudança na percepção de mundo desse sujeito, mudança essa que aparece no uso da língua.

A partir disso, é possível afirmar que a forma como os indivíduos usam a língua está relacionada com a sua identidade e com o seu meio social. Assim, como forma de realização de análise de autoria, a teoria recurso-restrição é uma possibilidade a ser mais desenvolvida e considerada, já que abarca tanto os aspectos individuais, por considerar o indivíduo como um agente linguístico e por levar em consideração a influência que o meio social exerce sobre a identidade dos indivíduos. A sessão a seguir trará dois exemplos de estudos

de Linguística Forense e análise de autoria que podem ilustrar os recursos que interferem na persistência identitária e na variação linguística.

Primeiro exemplo: a comparação feita por Harkot-de-la-Taille

O trabalho de Harkot-de-la-Taille (2020) investiga a autoria de uma carta de ameaça em comparação a uma entrevista fornecida pelo acusado de ter enviado a carta. O caso em questão envolveu dois membros da elite paulistana: Niceia Pitta, que fez a acusação em público que lhe rendeu uma condenação por calúnia e difamação; e Jorge Yunes, que foi acusado e procurou se defender utilizando-se de, entre outros, uma entrevista em um programa de TV.

A pesquisadora compara as características dos textos, combinando métodos linguísticos e semióticos. Os textos foram examinados focando nos níveis morfológico, lexical e sintático. Os principais resultados encontrados em relação à autoria dos textos indicam que existem evidências suficientes para sugerir que os dois textos analisados foram produzidos por enunciadores distintos. A análise revelou diferenças significativas nas características linguísticas e discursivas dos textos, além de contrastes nos temas abordados e nas formas de expressão. Essas diferenças, juntamente com a investigação dos elementos narrativos e figural, sustentaram a hipótese de que a autoria dos textos não é comum, apontando para a possibilidade de que os textos tenham sido escritos por pessoas diferentes. A figura 1 resume as conclusões de Harkot-de-la-Taille (2020, p.169):

Figura 1: Quadro de resumo sobre o ethos da carta e o ethos da entrevista

	Enunciador da Carta	Enunciador da Entrevista
Traços linguístico-discursivos	Falta de controle da língua nos níveis sintático, semântico e morfológico, inconstâncias e limitações no nível lexical, uso indevido de aspas, elementos de coesão ausentes	Controle da língua em todos os níveis, vasta escolha lexical, capacidade de rápida reformulação quando em hesitação. Produção linguística compatível com norma oral culta de São Paulo descrita pelo Projeto NURC/SP (Preti, 1997).
Marcas discursivas	Maísculas, negritos, exclamações, marcadores de intensidade, abundância de adjetivação passional.	Gestualidade contida, tom de voz calmo, articulação clara e pausada, manifestação de uso da razão e pouco recurso à emoção.
Ethos	Imponderado, descomedido, passional, vingativo, possivelmente feminino, regime da falta ou excesso	Homem de ação, firme, forte, compassivo, equilibrado, regime da justa medida

Quadro 4: Dados sobre o ethos do enunciador da Carta e da Entrevista

Fonte: Harkot-de-la-Taille (2020, p.169)

A autora do estudo, embora não mencione especificamente a teoria de Grant e McLeod, demonstra se utilizar dos recursos da história sociolinguística dos indivíduos envolvidos quando contrasta os traços linguístico-discursivos dos enunciadores de cada gênero textual, ao mesmo tempo em que analisa as comunidades de prática (Eckert, 2012) em que cada persona atua para determinar características de comportamento:

Os enunciadores da Carta e da Entrevista erigem ethe distintos: o ethos do primeiro se instala no regime do excesso ou da falta, como alguém raivoso, incontido, vingativo; enquanto o ethos do segundo remete à justa medida, sugerindo ao enunciatário um sujeito familiar à área jurídica, equilibrado, forte, compassivo. Enunciadores distintos abordam quatro temas semelhantes, embora a partir de figurativizações ou tratamentos diferentes. Com níveis de controle da língua antagônicos, os textos desenvolvem-se a partir de oposições semânticas fundamentais distintas e não comunicantes, que se convertem no nível narrativo em percursos divergentes, mesmo que Nicéia receba uma caracterização em parte coincidente (Taille, 2020, p.168).

Da mesma forma, na perspectiva do Círculo de Bahktin (2021) a identidade de um indivíduo é continuamente construída e reconstruída através dos discursos que ele produz e com os quais interage. Cada ato de fala é uma performance social que pode afirmar ou contestar a identidade social do falante. O ethos da carta e o ethos da entrevista se mostram divergentes pois provavelmente as identidades foram forjadas nas práticas discursivas de cada

usuário da língua, ou seja, nas maneiras como as pessoas usam a língua em situações concretas.

Segundo exemplo: Araújo da Silva, Ferreira de Souza e Arrais (2023):

O artigo “A Questão da Autoria em Postagens do Instagram sobre o Dia 08 de Janeiro de 2023” explora a noção de autoria em postagens do Instagram relacionadas aos eventos de 8 de janeiro de 2023. Os autores investigam como as vozes sociais se manifestam e interagem nesse contexto virtual. O estudo revela como a constituição dos enunciados e a posição axiológica dos autores influenciam a construção de sentidos nas postagens. As principais estratégias discursivas identificadas nas postagens analisadas incluem:

1. Uso de Sarcasmo: Os autores utilizam o sarcasmo para criticar a hipocrisia de certos grupos, como exemplificado na legenda que parodia um slogan da rede Globo, evidenciando a ironia nas reações a eventos políticos.
2. Reelaboração de Enunciados: Os autores administram a pluralidade discursiva ao recontextualizar enunciados já existentes, incorporando-os em suas próprias narrativas. Isso é feito através de estratégias diversificadas que organizam o discurso de outros dentro do seu, criando um diálogo entre diferentes vozes.
3. Construção de Axiologias: As postagens expressam posições axiológicas que favorecem ou se opõem aos atos de 8 de janeiro, refletindo a tensão entre diferentes visões de mundo no debate político brasileiro. Essa construção de sentidos é central para a análise das interações discursivas.

A figura 2 mostra a postagem analisada por Araújo da Silva, Ferreira de Souza e Arrais (2023, p.60):



Fonte: Araújo da Silva, Ferreira de Souza e Arrais (2023, p.60)

A postagem se utiliza de posicionamentos ideológicos expressos pela direita e pela esquerda para caracterizar supostos paradoxos irônicos apontados pelo autor da postagem: um político que geralmente nomeia invasões de “ocupações” e que agora está preocupado com a invasão do Congresso; uma fotografia de pessoas rendidas ao chão, seguida do texto que diz “esquerda contra direitos humanos”, paradoxando o fato de que a esquerda brasileira representa essa voz social que preza e milita em favor dos direitos humanos, o que aparentemente não estava sendo observado quando do encarceramento dos militantes pró-bolsonaristas; a foto do presidente Lula, que tinha sido condenado e passou um tempo na

prisão, para depois ter o processo revertido na justiça brasileira, e o comentário irônico “ladrão preocupado com o patrimônio público”; e a caracterização do comunismo como um regime que se opõe à democracia e a generalização que as pessoas com ideologias de esquerda sejam todas comunistas, mas estavam protestando contra a invasão do congresso.

A perspectiva bakhtiniana permite explorar como os autores nas redes sociais não apenas produzem enunciados, mas também se posicionam axiologicamente em relação a esses enunciados. Isso significa que a autoria é vista como um ato de posicionamento ético e político, onde os autores expressam suas crenças e valores em um contexto de diálogo social. O autor da postagem utilizou elementos de outros discursos para construir suas próprias narrativas e posicionamentos, revelando ser um produto da comunidade de prática ideologicamente carregada ao qual se filia. Esta postagem nas redes sociais é apenas uma expressão individual, mas também parte de um diálogo mais amplo, onde o autor se posicionou em relação a outros discursos e vozes sociais, recuperando a sua própria história sociolinguística.

Considerações finais

As relações entre a teoria bakhtiniana e a proposta de Grant e McLeod se estabelecem no que diz respeito à expressão da identidade no uso da língua, permeada por ideologias infundidas em suas crenças e atitudes por um campo social e por comunidades de prática. Um outro ponto de convergência entre as ideias de Volóchinov (2021) e Grant e McLeod (2020) é a questão da variação nos recursos disponíveis para os indivíduos. Grant e McLeod observam que esses recursos podem mudar ao longo da vida, permitindo que a pessoa desenvolva novas formas de expressão enquanto perde outras. Da mesma forma, Volóchinov (2021) sugere

que alterações no horizonte apreciativo de um indivíduo — como mudanças em sua condição social, fatores socioeconômicos e acesso a diferentes produções culturais — resultam em uma mudança na percepção de mundo desse indivíduo, a qual se reflete no uso da língua. Os estudos sobre identificação e caracterização de autoria aqui citados forneceram alguns exemplos dessa intersecção entre as duas propostas.

O primeiro exemplo foi o estudo de Harkot-deLa-Taille (2020), o qual analisou peças de um processo envolvendo a ex-primeira dama de São Paulo, Niceia Pitta. Niceia havia acusado o empresário Jorge Ynes de tê-la ameaçado de morte. A análise de Harkot-de-La-Taille comparou a carta de ameaça com um diálogo (uma entrevista dada à TV Record, no programa “Fala que eu te escuto”) entre o suspeito e um apresentador e mostrou que os enunciadore dos dois textos eram distintos. Nesse estudo, foi possível identificar como a utilização de recursos identitários permitiu à pesquisadora traçar um perfil para cada persona que produziu cada gênero textual.

Araújo da Silva, Ferreira de Souza, e Arrais (2023) realizaram um estudo sobre uma postagem no Instagram sobre as invasões ao Congresso Brasileiro em 8 de janeiro de 2023. As postagens analisadas expressam uma variedade de posições axiológicas, tanto favoráveis quanto contrárias aos atos de 8 de janeiro de 2023, refletindo a polarização e a complexidade do debate político no Brasil. A análise destacou a natureza interativa das postagens, onde os enunciados se influenciam mutuamente, evidenciando a construção de significados em um contexto de diálogo contínuo.

A partir da relação entre os estudos do Círculo de Bakhtin (2021), de Grant e McLeod (2020) e dos exemplos de análise de autoria, foi possível identificar um ponto de convergência no que tange ao vínculo indissociável que existe entre a língua e o contexto social do indivíduo,

fatores estes que permeiam aspectos identitários impressos na produção discursiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dayane Celestino de. Atribuição de autoria com propósitos forenses: panorama e proposta de análise. *ReVEL*, vol. 12, n. 23, 2014.

ARAÚJO DA SILVA, D. J. FERREIRA DE SOUZA, L.V. ARRAIS. M. N. L. Questão da Autoria em Postagens do Instagram sobre o dia 08 de janeiro de 2023 a partir da Análise/Teoria Dialógica do Discurso. *VERBUM*, v. 12, n. 2, p.52-69, set. 2023.

COULTHARD, M. JOHNSON, A. An Introduction to Forensic Linguistics: Language in Evidence. Londres: Routledge, 2007.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, v. 41, 2012, p. 87-100.

FIORIN, J. L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FIORIN, J. L. Em busca do sentido: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

GRANT, T. MCLEOD, N. Recursos e Restrições na Manutenção de Identidades Linguísticas: uma Teoria de Autoria. In: ALMEIDA, D. C. Perspectivas em Linguística Forense. Campinas: Publicações IEL, 2020. p. 148-171.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, E. Ethos e autoria: estudo de caso. In: ALMEIDA, D. C. Perspectivas em Linguística Forense. Campinas: Publicações IEL, 2020. p. 76-94.

MCMENAMIN, G. R. Forensic Linguistics - Advances in Forensic Stylistics. CRC Press, 2002.

OLSSON, J. Forensic Linguistics. London;

New York: Continuum, 2008.

VOLÓCHINOV, V. Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 8ª ed., 2006.

_____. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 11. ed. São Paulo: Cortez; UNESCO, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LOUREIRO, Carlos Frederico B.; VIÉGAS, Aline. Algumas considerações sobre as influências do marxismo na teoria da complexidade de Edgar Morin: aportes para a pesquisa em educação ambiental. *Ambiente & Educação*, Rio Grande, v. 17, n. 2, p. 13-33, 2012.

LORENZI, Bruno Rossi; ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. The paradigm of complexity in Edgar Morin and the Latourian epistemology: an attempt to approach. *Transversal: International Journal for the Historiography of Science*, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-16, 2023. DOI: <https://doi.org/10.24117/2526-2270.2023.i14.04>.

O'DONOGHUE, Tom; PUNCH, Keith. Qualitative Educational Research in Action: Doing and Reflecting. London: Routledge, 2003.

OLIVEIRA, Márcia Cristina de. Multimodalidade e ensino de literatura: HQs e cinema no ensino médio. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 55, n. 44, p. 45-68, 2017.

PENG, Jing; HE, Jing. The impact of multimodal input on EFL learners' reading comprehension:

An empirical study. SFL Education Studies, v. 7, n. 1, p. 1-19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40862-025-00322-3>.

ROSE, Sarah; MARTIN, Peter. Multimodal reading practices and student engagement: evidence from secondary education. Education Sciences, v. 15, n. 9, p. 1147, 2025. DOI: <https://doi.org/10.3390/educsci15091147>.

SILVA, Paulo Ricardo Moura da. Algumas palavras sobre o letramento literário escolar. In: Práticas escolares de letramento literário: sugestão para leitura literária e produção textual. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 13-39, 2022.

SOUZA, Juliana de; ALMEIDA, Ricardo. Memes, redes sociais e letramento literário: práticas de leitura no ensino fundamental. Educação & Linguagem, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 101-120, 2020.

Submissão: abril de 2025

Aceite: setembro de 2025